

## Gonçalo M. Tavares e o testemunho (a experiência-limite)

Júlia Studart<sup>1</sup>

### Resumo

*Uma leitura crítica do texto Um Homem, Klaus Klump, romance de Gonçalo M. Tavares que faz parte da tetralogia intitulada O REINO. A questão é articular uma proposição acerca do quanto pode a literatura numa experiência-limite – a literatura num mover por dentro de uma guerra – ao propor uma postura radical como política através do testemunho, numa abertura de possibilidades para a verdade.*

**Palavras-chave:** Testemunho, livro, saliência, caráter destrutivo

### Introdução

O escritor Gonçalo M. Tavares, nascido em Luanda, Angola, em 1970, e residente há muito tempo em Lisboa, Portugal, monta seu trabalho numa perspectiva de mosaico ou palimpsesto – como anacronismo –, entre tensões e gesto, numa relação com certa produção moderna da literatura portuguesa do século XX. Algo da escritura de Gonçalo M. Tavares está vinculado, como sintoma e prospecção, ao trabalho de alguns escritores portugueses um tanto radicais; como Fernando Pessoa, Aquilino Ribeiro, Augusto Abelaira, Vergílio Ferreira, Herberto Helder, Ruben A. ou Maria Gabriella Llansol. Mas sua escritura é um sintoma que se apresenta para esta relação muito mais como uma proposição destrutiva, no sentido do “caráter destrutivo”<sup>1</sup> apontado por Walter Benjamin: “O caráter destrutivo só conhece um lema: criar espaço; só uma atividade: despejar. Sua necessidade de ar fresco e espaço livre é mais forte que todo ódio.” (BENJAMIN, 1995, p.236) E mais adiante, também, no sentido daquilo que Benjamin aponta como uma certa condição nietzscheana de caráter do ato de *destruir* (além do *criar espaço*, e do *despejar*, que aparece no sentido de *abrir caminhos*): “O caráter destrutivo é jovial e alegre. Pois destruir remoja, já que remove os vestígios de nossa própria idade; traz alegria, já que, para o destruidor, toda remoção significa uma perfeita subtração ou mesmo uma radiação de seu próprio estado.” (1995, p.236)

Assim, uma questão importante para organizar a hipótese do caráter destrutivo, do destruidor, no trabalho de Gonçalo M. Tavares, parte de uma passagem escrita pelo moralista francês Vauvenargues, nos primeiros anos dos 1700, quando apontava que “Existem três princípios notáveis no espírito: a *imaginação*, a *reflexão* e a *memória*.” (1998, p.10) Vauvenargues acresce a isso a percepção de toda a sua *moralia*, para depois desembocar em conceitos e procedimentos do espírito humano como a delicadeza, a finura, a força, o amor, a amizade, a grandeza, a justiça, o gênio, o caráter, a seriedade e, entre algumas outras, a *saliência*. Diz ele, numa preocupação política para a filologia crítica que se *saliência* vem de *saltar* (em francês “*saillir*”, que vem do latim “*salire*”, que significa “saltar”, “lançar-se com ímpeto”; e que para o português chega como “sair”, ou como “saliência”, “saliente”), o “ter saliências é passar sem gradação de uma idéia a outra, que pode aliar-se a ela.” (VAUVENARGUES, 1998, p.18). A *saliência*, então, pode ser lida como algo próximo – ou dentro – das intensidades do espírito, e carregada a uma certa potência para aquilo que inverte o sentido, que desfaz o uso e se lança a um aspecto de um princípio à profanação, a um caráter destrutivo, jovem, aberto e que ultrapassa qualquer ódio. Benjamin ainda propõe que “O

<sup>1</sup> Walter Benjamin, “Der Destruktive Charakter”, in: G.S., IV, pp. 396-98. Edição brasileira: BENJAMIN, Walter. Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. (p.235-237)

caráter destrutivo elimina até mesmo os vestígios da destruição.” Desta maneira, é possível remeter o princípio de Vauvenargues acerca da *saliência* a este lugar profanado quando ele sugere que:

As saliências ocupam de certo modo no espírito a mesma posição que o humor pode ter nas paixões. Não supõem necessariamente grandes luzes. Elas desenharam o caráter do espírito; assim, aqueles que aprofundam prontamente as coisas têm saliências de reflexões; as pessoas de boa imaginação, saliências de imaginação; outras, saliências de memória; os maus, das maldades; as pessoas alegres, das coisas engraçadas etc.

(VAUVENARGUES, 1998, p.18-19)

É pensando nisso que o primeiro empenho ao ler a escritura de Gonçalo pode ser tomar como importância uma pauta suplementar de sua escritura: seu procedimento político para a construção de uma outra idéia de comunidade, a do livro contínuo, um livro que é todo desvio, que é toda imagem desviante na recuperação da cena de leitura ancestral. Isto se faz através de uma escritura desmedida – “a desmedida para os gregos é humana, exprimindo a audácia do homem que confia unicamente em suas forças” (BLANCHOT, 2007, p.25) – daquele que é antes de qualquer coisa um leitor; e só assim, como tal, consegue impor um sacrifício às intensidades do espírito da escritura, como falha ou aquilo que salta, uma *saliência*, e como tal numa articulação profanatória, a que pode interromper o mito da história, a que pode provocar um devir outro ao estilhaço da história para atribuir uma leitura do livro como uma outra guerra: a construção da comunidade perdida. Como o que pode recuperar e desalojar a cena de leitura disponível para rejuvenescê-la, removê-la e, principalmente, para seguir as pistas do que Benjamin aponta e sugere ao caráter destrutivo: aquilo que se coloca na encruzilhada para abrir caminhos, sem saber o que pode ser posto no lugar daquilo que destrói, sem interesse algum em ser compreendido, aquilo que está ali para atravessar o princípio moderno das ruínas no caminho que há entre elas até chegar a um outro lugar, outra coisa, mesmo que seja àquilo que não se sabe. Diz Benjamin:

O caráter destrutivo não vê nada de duradouro. Mas eis precisamente por que vê caminhos por toda parte. Onde outros esbarram em muros ou montanhas, também aí ele vê um caminho. Já que o vê por toda parte, tem de desobstruí-lo também por toda parte. Nem sempre com brutalidade, às vezes com refinamento. Já que vê caminhos por toda parte, está sempre na encruzilhada. Nenhum momento é capaz de saber o que o próximo traz. O que existe ele converte em ruínas, não por causa das ruínas, mas por causa do caminho que passa através delas.

(BENJAMIN, 1995, p.237)

De certa maneira, é uma tentativa de acompanhar este caminho que há entre as ruínas, numa esquivar entre as ruínas, através da *saliência*, e numa perspectiva do que pode o livro, do quanto pode o livro como destruição, interrupção da história e sacrifício; ou seja, do que pode e do quanto pode a cena de leitura sugerida como armadilha, jogo e profanação na escritura de Gonçalo M. Tavares, aqui visto sob a ótica do ‘destruidor’. Ora, diz Gonçalo Tavares que os procedimentos de sua escritura estão vinculados a uma *saliência*, quando elabora que o seu gesto é cometido para a *memória* e para a *imaginação*, e para a construção de uma singularidade da biblioteca múltipla, anacrônica (para todos os lados) e particular. Diz ele: “Cada linha do que escrevo faz parte de uma espécie de biblioteca”<sup>2</sup>; e em seguida: “Escrevo sem qualquer estrutura, escrevo uma frase sem saber qual é a frase seguinte, sem saber nada do que está para a frente. Se sei o que quero escrever, desinteresse-me, e já não escrevo.” O que pode remeter a um procedimento através da *saliência*, como aquele *salto* sugerido por Vauvenargues para tensionar sua própria *moralia*, e que pode levar

<sup>2</sup> Entrevista que me foi enviada por Gonçalo M. Tavares, por e-mail, e que também é usada no release de uma de suas editoras no Brasil, a editora Casa da Palavra, Rio de Janeiro (2006).

a uma idéia da captura da distância, de uma certa experiência do *não*, do *fora*, como destruição através do gesto radical da leitura como experiência-limite.

Numa passagem de seu livro **Um homem: Klaus Klump** – *queria dizer que este Um homem: Klaus Klump é o último título publicado no Brasil, e segundo volume de uma tetralogia intitulada O Reino, que discute as formas de vida dentro de uma perspectiva das relações anódinas, desamparadas e descabidas ao sentido do outro, o que se retira do que se avizinha, o que se afasta violentamente do que é perto; o que tenta praticar o testemunho e que só tem como opção falar no lugar do que lhe é outro. Esta tetralogia começa com um romance intitulado Jerusalém e se desdobra para dois outros, chamados A Máquina de Joseph Walser e Aprender a rezar na Era da Técnica (Posição no mundo de Lenz Buchmann), estes dois últimos ainda inéditos no Brasil* –, Gonçalo M. Tavares abre a uma voragem de vácuo na linha tensa da personagem protagonista com o lugar em que vive, uma linha tensa que vai desde as pessoas com que é obrigado a conviver, passa pela mulher que pensa amar, pela guerra que toma todo o espaço de seu país sem nome e sem origem, uma invasão estrangeira ao lugar em que vive, a sua profissão subversiva e armada como uma contra-violência à guerra – *Klaus Klump é editor de livros, e com um detalhe singular: é editor de livros ainda em tipografia* – e atravessada por aquilo que a personagem pensa ser o livro: o livro é uma máquina desejante que se opõe à guerra, como tal, como se fosse uma bomba, o livro como uma contra violência que perturba os tanques que tomam Klaus Klump de assalto, sem saber sua língua, seu nome, sua vida e quais todas as suas tentativas de interrogação para interromper a história:

Os tanques passam nas ruas. As ruas têm o nome dos nossos heróis. Eles não conhecem a língua: não sabem dizer o nome. Tropeçam na pronúncia, não conseguem acentuar as sílabas. E os tanques não têm tempo para aprender línguas.

Klaus deixou o seu ofício, mas apenas hoje. Trabalha numa tipografia, mais: é editor, quer fazer livros que perturbem os tanques em definitivo.

Isso não é um livro, é uma pequena bomba.

Queres perturbar tanques com prosa?

(TAVARES, 2007, p.10-11)

A escritura de Gonçalo M. Tavares, a partir desta pequena passagem, já se apresenta como uma experiência limite e sacrificial da captura da distância, do inesperado, de um certo *longe de nós*, um *longe* como conceito, que rearticula o livro como um problema à comunidade, como aquilo que mesmo não sendo é também aquilo que pode interromper a história: uma súplica e uma *saliência*. Klaus Klump é preso, sua tipografia destruída, seu fazer é considerado subversivo, criminoso; Klaus Klump é leitor, e faz livros; é quase um outro de si, é vertiginoso e fala como testemunha de guerra, uma testemunha que não há, não existe. Agamben vai dizer que “(...) no hay un titular del testimonio, que hablar, testimoniar, significa entrar en un movimiento vertiginoso en el que algo se va a pique, se desubjetiva por completo y calla, y algo se subjetiva y habla sin tener – en próprio – nada que decir.” (2002, p.126) E é a isto e nisto que se pode inferir o gesto da leitura para capturar a distância da história como uma testemunha de guerra da história: destruir, criar espaço, abrir caminhos, arejar mesmo que através do sufoco.

Vauvenargues, antes, toma por dizer também que esta captura da distância é que mantém o espírito ágil, vivo; que a possibilidade de tocar o *inesperado* é que provoca a surpresa, que pode levar ao riso, à graça, e que estes espíritos é que são os capazes de uma elevação de si, como tais, como espíritos livres, os que penetram as relações mais aprofundadas:

É captar as relações das coisas mais distanciadas, o que demanda sem dúvida vivacidade e um espírito ágil. Essas transições súbitas e inesperadas causam sempre uma grande surpresa; se dizem respeito a algo engraçado, incitam ao riso; se a algo profundo, causam admiração; se a algo grande, elevam: mas aqueles que não são

capazes de elevar-se, ou de *penetrar* num lance de olhos em relações muito aprofundadas, não admiram senão aquelas relações esquisitas e sensíveis que as pessoas mundanas captam tão bem.  
(VAUVENARGUES, 1998, p.18-19)

É imperativo que o que diz Vauvenargues tem a ver com um procedimento de uma *moralia* hierárquica, e que as relações esquisitas e sensíveis, mundanas, como ele propõe, são tomadas como baixas, outras, superficiais, talvez, mas é nelas, diz ele, que se pode provocar um sentido de penetração às intensidades humanas e suas paixões, propriamente. Georges Bataille vai dizer, em seu texto *O dedo grande do pé*, que há uma idéia formada acerca da vida humana como elevação, que a vida humana seria tudo o quanto se eleva, mas que de fato a vida comporta também a raiva de que ela não é senão um vai e vem, e acrescenta: “um movimento de vai e vem, desde o esterco até ao ideal e desde o ideal até ao esterco, raiva que é fácil incidir num órgão tão baixo como o pé.” (BATAILLE: 1994, p. 46) Para Bataille é o dedo grande do pé a parte mais humana de nosso corpo. E diz:

O homem gosta de imaginar-se semelhante ao deus Netuno que às suas próprias ondas impõe o silêncio com majestade; no entanto, as ondas ruidosas das vísceras incham e mais ou menos incessantemente se perturbam pondo um fim brusco à sua dignidade. Cega mas tranqüila e desprezando estranhamente a sua obscura baixeza, uma banal personagem prestes a evocar em espírito as grandezas da história humana, por exemplo quando o olhar pousa num monumento que testemunha a grandeza do seu país, é travada no seu ímpeto por uma dor atroz num dedo porque o mais nobre dos animais tem calos nos pés, ou seja, tem pés e esses pés vivem uma ignóbil e independente vida.  
(BATAILLE: 1994, p. 48)

Assim, um dos problemas mais intensos da escritura de Gonçalo M. Tavares em **Klaus Klump** é exatamente tentar tocar este esquisito, violar o interdito do mundano ao tocar o baixo e a lama, mas sem hierarquia, tocar a “desordem do corpo humano” (BATAILLE: 1994, 49) e promover uma “ignóbil e independente vida”, roçar a falha da linguagem no que não podemos dizer, daquilo que não podemos dizer, no indizível, no que “no podemos decir tan solo que decimos” (AGAMBEN, 1989, p.30). É uma espécie de construção da escritura como pornografia, uma escritura pornográfica, a do livro paralelo e da cena de leitura subversiva, uma espécie de “cuerpos desnudos inextricablemente confusos (...) que tendrán que comparecer como siglas de una comunidad aún no presagiada” (AGAMBEN, 1989, p.55). O que Bataille também propõe como interdito, como o que existe para ser violado, através e a partir e dentro de uma emoção positiva, um ato de participação ativa. Diz Bataille:

Podemos até chegar a uma proposição absurda: “A interdição está aí para ser violada”. Essa proposição não é, como a princípio parece, uma aposta, mas o enunciado correto de uma relação inevitável entre emoções de sentido contrário. Sob o efeito da emoção negativa, devemos obedecer à interdição. Se a emoção é positiva, nós a violamos. A violação cometida não é de natureza a suprir a possibilidade e o sentido da emoção oposta: ela é mesmo a justificativa e a fonte de ambos.  
(BATAILLE, 2004, p.98)

Seguindo por dentro de **Um homem: Klaus Klump**, em duas outras passagens que apontam para uma possibilidade de verificação do interdito, do violado, das emoções de sentido contrário para apreender o gesto pertinente, Gonçalo Tavares imprime à sua escritura o que venho chamando de gesto radical para si mesmo, o do escritor que se coloca antes e apenas como um leitor, dos livros da memória e da imaginação que comparecem como uma saliência, uma penetração a um estado amoroso. O livro e a literatura como potência para uma outra verdade, o espaço literário

como um espaço rugoso – “o rugoso é o resultante da combinação da dureza com a desigualdade”, diz Platão no **Timeu** (PLATÃO, 2001, p. 109) – e um encontro, uma possibilidade, uma invenção de um *utopos*, outro lugar, frágil, talvez, e *sem*, imprestável, mas possível e sem neutralidade. Um *utopos* como se uma outra *polis*, talvez, que numa leitura heideggeriana seria uma localidade, uma dimensão em que a existência (*Dasein*) expande seu acontecer histórico; a *polis* seria o lugar histórico, o espaço no qual e a partir do qual e para o qual acontece a história. Diz o narrador de **Klaus Klump**, na primeira passagem, ao articular uma ausência de neutralidade da experiência àquilo que se perde, que é perda:

Klaus tinha os lábios pretos, como se falasse outra língua. Tinha perdido a pátria e com ela cada palavra antiga tinha-se tornado escandalosa.

(...)

As palavras apareciam como uma inundação preta. Klaus era ainda um homem alto, mas já não falava como antes. Tinha sido editor de livros perversos, mas isso era na altura em que a água era neutra.

Xalak dizia: a água nunca foi neutra.

(TAVARES, 2007, p.60)

Na segunda passagem, que segue abaixo, construindo e sublevando um contrário da guerra, o gesto violento de sobreviver; e é na construção do gesto da sobrevivência como caráter destrutivo, *criar espaço e despejar, abrir caminhos*, como um fora de cômodo, de compartimento, o homem fora do estojo, e sempre gesto compartilhado, radicalmente compartilhado, um sistema de gestos para tocar a saliência da escritura no que ela é e vem como livro paralelo e pornográfico, às avessas, para articular um pensamento acerca do livro também como uma felicidade, um espaço por onde se pode tocar a sobrevivência através da impossibilidade da linguagem literária como verdade e como aquilo que pode fazer acordar, para também a *posteriori* tocar uma possibilidade à comunidade perdida através da fala, da fala que suplica, como diz Blanchot: “O suplicante é, por excelência, o falante.” (2007, p. 25) E também que “o suplicante é o homem da vinda, sempre a caminho porque sem lugar (...).” (2007, p. 24). Diz o narrador de Gonçalo M. Tavares, então, na segunda passagem:

Agora, quando falamos de sujidade rimo-nos – disse –, porque a única higiene que nos importa é sobreviver. E para sobreviver fazemos o que for necessário, excepto começar a limpar.

Ninguém se vai salvar assim. Aperfeiçoámos certos gestos como se faz no trabalho. E aperfeiçoámos principalmente algo a que não sei se chame gesto, que é sobreviver. Não é tanto um gesto, mas um plano, um sistema de gestos: sobreviver, sobreviver, sobreviver.

(TAVARES, 2007, p.80)

## **Conclusão**

Assim, é o mesmo Blanchot ao dizer que se “suplicar é falar, quando falar é manter em toda a sua dureza e severidade primeira a alternativa: ou a fala ou a morte” (2007, p. 26), e esta fala como lugar da experiência que monta o espaço rugoso, quem indica este *mover-se* da linguagem literária, que aponto em Gonçalo M. Tavares como articulação de uma *saliência*, de um salto ao livro como também um espaço possível – o livro – para uma afecção da memória, da imaginação, ao dizer que a linguagem literária é um *se* e uma hospitalidade ao suplicante, uma outra verdade limite, porque toda ela é real, exatamente porque projeta-se para uma não-linguagem que ela é, e não realiza, até também como um devir e como cena de leitura. Por fim, cito Blanchot:

Se a linguagem, e especialmente a linguagem literária, não se lançasse constantemente, previamente, para a sua morte, não seria possível, pois é esse movimento em direção à sua impossibilidade que é a sua condição e seu fundamento; é esse movimento que, antecipando-se ao seu nada, determina sua possibilidade, que é ser nada sem realizá-lo. E, em outras palavras, a linguagem é real, porque pode-se projetar para a não-linguagem que ela é e não realiza. (BLANCHOT, 1997, p. 26)

## **Referências Bibliográficas**

- [1] AGAMBEN, Giorgio. **Idea de la prosa**. Trad. Laura Silvani. Barcelona: Península, 1989.
- [2] \_\_\_\_\_. **Lo que queda de Auschwitz: El archivo y el testigo**. Trad. Antonio Gimeno Cuspinera. Valencia: Pré-textos, 2002.
- [3] BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. Trad. Mário Laranjeira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- [4] BATAILLE, Georges. **A mutilação sacrificial e a orelha cortada de Van Gogh**. Trad. Carlos Valente. Lisboa: Hiena Editora, 1994.
- [5] \_\_\_\_\_. **O Erotismo**. Tradução de Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.
- [6] BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única**. Trad. Rubens Rodrigues Torre Filho. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. (Obras Escolhidas; v. 2)
- [7] BLANCHOT, Maurice. **A conversa infinita 2: A experiência limite**. Trad. João Moura Jr. São Paulo: Escuta, 2007.
- [8] NANCY, Jean-Luc. **La comunidad desobrada**. Trad. Pablo Perera. Madrid: Arena Libros, 2001.
- [9] PLATÃO. **Timeu – Crítias – O Segundo Alcebiades – Hípias Menor**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2001.
- [10] TAVARES, Gonçalo M. **Um homem: Klaus Klump**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- [11] VAUVENARGUES, Luc de Clapiers. **Das leis do espírito: florilégio filosófico**. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 1998. (Clássicos)

---

## **Autor**

<sup>1</sup> Ms Júlia Vasconcelos Studart, doutoranda.  
Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC.  
E-mail: [juliastudart@uol.com.br](mailto:juliastudart@uol.com.br)